

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

XXVII Simpósio Nacional de História

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Julho de 2013

Memórias em conflito:

a trajetória de Jesus Norberto Gomes

Cristiane Muniz Thiago¹

Sérgio Martins Pereira²

¹ Universidade Federal do Maranhão, Doutora em História (UNICAMP).

² Universidade Federal do Maranhão, Doutor em Sociologia (UFRJ).

Introdução

O tema deste trabalho é a trajetória do industrial maranhense Jesus Norberto Gomes (1891-1963). Nosso objetivo é analisar a construção e os conflitos em torno da memória desse personagem. Jesus Gomes nasceu no interior do Maranhão e, na adolescência, fixou residência em São Luís. Nos anos 1920, torna-se um importante farmacêutico desta cidade. Seu sucesso nos negócios se consolidou com a criação de um refringente que é parte da construção da identidade maranhense: o *Guaraná Jesus*. O refrigerante *Kola Guaraná Jesus* começou a ser comercializado em 1927 pela *Pharmácia Sanitária*, propriedade de Jesus Gomes. Após a criação da *Indústria Jesus Ltda*, principal negócio da família Gomes entre os anos 1940 e 1950, a bebida *cor de rosa* passaria a ser vendida em todo o Maranhão.

Jesus Norberto Gomes é descrito pela família e pela sociedade local como um homem trabalhador, inteligente e determinado. No entanto, sua prisão em 1935, sob a acusação de associação ao movimento conhecido como "Intentona Comunista"³, é um ponto de sua trajetória ainda cercado de controvérsias e "silêncios". Sua prisão é comumente interpretada como injusta, uma vez que o empresário não seria comunista. Na construção da memória desse personagem que faz parte da história maranhense, destaca-se a própria família de Jesus Gomes.

Para atingir nossos objetivos, analisaremos um conjunto diverso de fontes. Destacamos nesse sentido o processo criminal sobre a participação de Jesus Gomes e outros maranhenses no movimento comunista de 1935; matérias de jornais do período estudado; publicações sobre a trajetória de Jesus Gomes e; por fim, relatos de familiares de nosso personagem.

Jesus, o industrial

³ Alguns pesquisadores observam que o termo "Intentona", para se referir aos acontecimentos de novembro de 1935, seria consolidado apenas alguns anos após o levante. Na documentação da polícia política que trata sobre os presos do Maranhão, supostamente associados ao comunismo no estado, o termo mais utilizado é "movimento subversivo". Ver: MOTTA, 2002.

Jesus Norberto Gomes nasceu em 06 de junho de 1891, em Vitória do Mearim, cidade a cerca de 180 km de São Luís – MA. Oitavo filho, e também o caçula, de comerciante e “dona de casa”, Jesus Gomes teria começado a trabalhar no negócio da família ainda na cidade natal por ocasião da morte do pai, em 1903. Aos 14 anos, migrou para São Luís, onde passaria a residir com uma família de amigos dos Gomes. Data desse período o início do trabalho numa das farmácias da capital, a *Pharmácia Marques*. Documentos desse período, como um “caderno de fórmulas” datado de 13 de maio de 1908, indicam seu aprendizado prático do ofício farmacêutico (GOMES, 2006:13 e 18).

Aos 20 anos de idade, Jesus Gomes dá início ao seu próprio negócio adquirindo a *Pharmácia Galvão*, também localizada no centro de São Luís. Sob o nome de “Pharmácia Sanitária”, em poucos anos, o empreendimento, seus produtos e seus atendimentos ganharam projeção em “São Luís, uma cidade sem pronto-socorro” (idem p. 14). Em 1920, a farmácia é transferida para um prédio maior, onde um pequeno espaço seria reservado aos “estudos e experiências” que proporcionaram o surgimento e a comercialização de uma ‘gama de novos produtos’ destinada a moradores, médicos e demais profissionais de saúde de São Luís (idem p. 16-22).

Diante da expansão do negócio, Jesus Gomes busca nesse período o desenvolvimento e a legitimação de seu conhecimento técnico ao ingressar na Faculdade de Farmácia de São Luís, onde se gradua em 1925. Neste mesmo ano, a *Pharmácia Sanitária* é transferida novamente, desta vez para um prédio próprio, de dois pavimentos e um galpão, nos fundos. No primeiro pavimento funcionava a farmácia, no segundo foi construído o primeiro laboratório e o galpão serviria posteriormente para a instalação da Indústria Jesus (já nos anos 1940). Com essas novas instalações há um aumento da produção e da comercialização de fármacos e demais produtos da marca *Jesus*.

Nesse contexto, de meados dos anos 1920 e da terceira sede da empresa, dá-se a criação do refrigerante *Kola Guaraná Jesus*. Os relatos sobre a invenção e o início da fabricação deste e de outros refrigerantes e produtos gaseificados pela farmácia-laboratório baseiam-se numa espécie de “mito fundante”. Uma máquina gaseificadora teria sido importada da Alemanha para a produção de *Magnésia Fluída* (ou hidróxido de magnésio),

produto à época fabricado pela *Casa Granada*, do Rio de Janeiro, e amplamente receitado e utilizado como antiácido. A tentativa de registro e fabricação do produto, entretanto, teria sido frustrada pela propriedade de sua fórmula pela *Casa Granada*. Como realizado por outras indústrias do país, a máquina gaseificadora encontraria utilidade na produção de refrigerantes e águas gaseificadas. Ainda no interior da farmácia, estes produtos ganhariam um “departamento” dedicado ao seu desenvolvimento e fabricação.

Depois da Kola Guaraná vieram outros produtos, tais como: Água Mineral Artificial, Água de Mesa, Gengibre, Água Tônica Três Quinas, Água Tônica, Soda Water, Soda Limonada (artificial), Licor de Mate, Lupo Mate, Xarope de Guaraná, todos com a marca Jesus e Catuí, com larga aceitação no mercado (GOMES, 2006:26)

Jesus Gomes e Jandyra Nogueira Gomes, casados desde 1915, tiveram oito filhos. Em 1940, a família teria migrado para cidade do Rio de Janeiro para que alguns dos filhos – Ilva (3^a), Elva (4^a) e, posteriormente, Vinício (5^o) – ingressassem no curso de Farmácia da então Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, atual UFRJ. Neste período, os mais novos – Inete (6^a), Jesus (7^o) e Elir (8^o) – também frequentaram, respectivamente, os cursos Científico, Ginásial e Primário no então Distrito Federal.

Este episódio da trajetória da família Gomes indica as relações entre um projeto familiar de educação dos filhos e a estratégia de administração dos negócios. Se por um lado podemos destacar a escolarização dos filhos fora do Maranhão e, em especial, o curso superior para as filhas mulheres; por outro, nota-se o privilégio do curso de Farmácia, em vista de uma futura atuação direta dos filhos nas empresas da família.

Conciliava a assistência à família e os negócios com idas e vindas a São Luís, mas pretendendo retornar definitivamente ao Maranhão tão logo os mais velhos estivessem formados [...]. Em julho do mesmo ano [1945], ele com quase toda a família retornaram, ficando Vinício que se formaria em 1947. (GOMES, 2006:44)

Essas “idas e vindas” não impediram que em 1943 o “departamento de refrigerantes” fosse desmembrado da *Pharmácia Sanitária*, dando origem à *Indústria Jesus Ltda*. Nos primeiros anos de existência, a fábrica de refrigerantes dividia o endereço com a farmácia, ocupando mais especificamente o galpão dos fundos do prédio. Em janeiro de 1950, a indústria deixa o espaço físico da farmácia e ganha novas instalações e máquinas, o que teria

proporcionado um aumento significativo de produção e vendas. O *Kola Guaraná Jesus*, por exemplo, passa a ser distribuído em todo o estado do Maranhão. Em julho do mesmo ano, seria a vez do “departamento de produtos farmacêuticos” ser desvinculado da *Pharmácia Sanitária*, dando origem a outra empresa, o *Laboratório Jesus Ltda*, abrigada no mesmo prédio da indústria.

Neste período, os filhos são incorporados à administração das três empresas da família. Com a ampliação da fabricação de refrigerantes, a farmácia é vendida. A indústria, por sua vez, tem a participação em seu capital aberta em 1961, tornando-se *Indústria Jesus SA*. Nesse mesmo ano, o laboratório deixa o espaço físico da indústria, passando a funcionar em outro prédio. Entre os anos de 1962 e 1963, já sob a direção de Jesus Norberto Gomes Filho e seu Genro, Antonio Carlos Saldanha, a *Indústria Jesus SA* empreende a construção de um novo e mais amplo prédio para a fábrica. Jesus Norberto Gomes não chega a assistir à operação da nova fábrica, falece em abril de 1963, aos 71 anos.

A fábrica seria vendida a *Cia Antarctica* ainda nos anos 1960. Nos anos 1980, os direitos de fabricação do Guaraná Jesus foram vendidos para a Companhia Maranhense de Refrigerantes, que já fabricava e distribuía a *Coca-Cola* no Maranhão. Já nos anos 2000, a marca "Guaraná Jesus" foi comprada pela *Coca-Cola Company*.

A trajetória “exemplar” como industrial torna aparentemente contraditório um episódio ainda pouco refletido, seja no plano desta história de vida, ou mesmo do movimento comunista no Maranhão: a prisão de Jesus Gomes por suspeita de envolvimento com o levante comunista de 1935.

Jesus, o comunista?

Em 1935, o Brasil experimentou um momento de instabilidade política, havia relevantes indícios da insatisfação dos movimentos populares e das camadas médias urbanas com o governo instaurado em 1930. No mês de novembro, um grupo liderado por comunistas inicia um movimento armado, em algumas capitais do país, com o objetivo tomar o poder. Não obstante o levante, que ficou conhecido como “Intentona Comunista”, não ter tido os

resultados esperados, abriu-se espaço para prisões e perseguições políticas por todo o país. No Maranhão, onde o “movimento subversivo” não se concretizou em nenhum levante, houve a prisão de pelo menos 81 pessoas acusadas de organizar aquele movimento. É nesse contexto que o empresário e farmacêutico maranhense, Jesus Norberto Gomes é preso por suposta associação ao comunismo.

Elir Gomes, filho caçula de nosso personagem, tinha menos de um ano de idade quando seu pai foi preso, em maio de 1936. Isto não o impede de apresentar-se como um dos guardiões da memória de seu pai. Uma narrativa herdada de forma muito fragmentada, mas ao mesmo tempo reconstruída constantemente no discurso público de um filho sobre seu pai. Elir Gomes ressalta que a prisão do pai não era um assunto muito comentado na família, mas nunca teria sido motivo de vergonha para ele.

Não, pelo contrario, eu acho que... me dá orgulho porque ele não foi preso como ladrão. Ele foi preso por uma coisa que ele acreditava que era o que ia resolver o problema da pobreza, da saúde. Ele tinha uma admiração muito grande por causa da saúde e da educação na Rússia.

Eu vou ter vergonha de uma prisão dessas? Primeiro, injusta, ele tinha as ideias dele, mas ele não participava do movimento. Ele não participou do movimento da Intentona Comunista. Ele achava que era o regime, como ele deixou escrito, que ia acabar com a miséria do mundo... isso era o que ele achava e ele procurava aplicar nas coisas dele. (Entrevista concedida aos autores em 24 de maio de 2012. Elir Gomes).

Jesus Gomes foi preso em maio de 1936 na capital maranhense. Em novembro do mesmo ano, é transferido para o Rio de Janeiro. A inclusão de seu nome no processo de associação ao comunismo teve por motivação o surgimento de seu nome no depoimento de outro acusado. Manuel Souza Santos era do cabo do Exército Brasileiro, lotado no 24º Batalhão de Caçadores, localizado em São Luís.

Logo após a prisão de Jesus Gomes, sua mulher, Jandyra Nogueira Gomes, descrita pelo filho como “uma mãe excepcional, uma dona de casa maravilhosa” aparece na cena pública para defender o marido. Ao perguntarmos a Elir Gomes sobre o papel que a mãe desempenha após a prisão do pai, ele deixa evidente que se trata de um episódio marcado por “silêncios”.

Posso dizer uma coisa? Eu só fui saber porque você me deu aquilo [Prontuário de Jesus Gomes]. Não sabia, nunca minha mãe disse que tinha feito aquilo, nunca. Nunca mencionou... (Entrevista concedida aos autores em 24 de maio de 2012. Elir Gomes).

A constatação da dificuldade da família em discutir a prisão do patriarca nos leva a concluir que o sentimento de orgulho descrito pelo filho em relação a esse episódio deve ser compreendido a partir de uma reconstrução da memória familiar realizada décadas após a prisão de Jesus Gomes. Observamos neste ponto certa tensão entre duas imagens de Jandyra Gomes: a mãe e “dona de casa” que surge na narrativa do filho Elir Gomes e a mulher que se empenha na luta pela libertação do marido, imagem que se depreende da leitura dos documentos da Polícia Política.

Em setembro de 1936, Jandyra Gomes escreveu uma carta, destinada ao então interventor do Estado do Maranhão, Major Roberto Carneiro de Mendonça. Na carta, Jandyra se apresenta como uma mulher que teve sua tranquilidade e a de seus filhos ameaçada com a prisão de seu marido. Jandyra afirma que o marido foi preso a partir de uma falsa acusação, seu principal argumento se concentra no fato de Jesus Gomes não estar em São Luís quando teriam acontecido as reuniões para organizar o levante comunista no final de 1935.

Com a mesma confiança com que interpuz a autoridade integra de V. Exa, um requerimento a bem dos meus direitos de esposa e mãe, com essa mesma confiança inabalável imploro nesta carta o interesse de V. Exa, para rápida solução deste caso, estacionado em inércia torturante. (Polícia Política/RJ - Carta assinada por Jandyra Gomes – 28 de setembro de 1936)

Mas de que modo Jandyra Gomes dividiu o cuidado dos filhos com a defesa de seu marido? Poderíamos pensar na inserção dessa carta em uma tentativa de comover o então interventor do Estado do Maranhão para a situação de uma “esposa e mãe” que teve seus direitos violados. Mesmo considerando que a carta pode ter sido escrita com o auxílio de um advogado, ou mesmo por este, não podemos descartar a importância do papel da esposa como mediadora diante da prisão do marido.

A iniciativa de Jandyra, no entanto, não teve a repercussão esperada. Em junho de 1936, o então “Executor do Estado de Guerra”, Coronel Otto Feio da Silveira, diz não ser possível atender a solicitação de Jandyra Gomes. Ele alega que Jesus Gomes, assim como

outros nomes citados no processo, teve coparticipação na organização do “movimento subversivo” que seria deflagrado em São Luís.

Em 18 de novembro de 1936, Jesus Gomes é transferido para o Rio de Janeiro, então Distrito Federal, acompanhado de mais 80 presos do Maranhão, todos acusados de associação ao comunismo. Entre os presos, outro farmacêutico, Evandro Cunha, então presidente do diretório estadual da Aliança Nacional Libertadora (ANL) (Cf. *Jornal Tribuna*, 04/07/1935 apud TAVARES PEREIRA, 2010). Segundo a documentação da Polícia Política, também pesava sobre Jesus Gomes a acusação de ter frequentado reuniões na residência de Evandro Cunha, militante apontado, pelas mesmas fontes, como um dos principais organizadores do movimento comunista no Maranhão. (Polícia Política/RJ – Prontuário de Jesus Gomes – s/d)

Com a transferência de Jesus Gomes, Jandyra, deixando os filhos aos cuidados de familiares, parte para o Rio de Janeiro em mais uma tentativa de restituir a liberdade ao seu marido. Finalmente, em março de 1937, Jesus Gomes é posto em liberdade sendo arquivado o processo que deu origem ao episódio do encarceramento de nosso personagem.

Conclusão: construindo memórias

Não somente da *Indústria Jesus* ou de seu principal produto, o *Guaraná Jesus*, é construída a memória da família Gomes e de sua inserção na sociedade e na história maranhense. Nesse processo podemos destacar a participação ativa dos próprios atores envolvidos, nomeadamente, Jesus Gomes e outros membros da família, que se apresentam como "guardiões" desse imaginário coletivo.

O industrial, ainda em vida, mostrou-se preocupado em determinar os elementos que deveriam compor a sua biografia. Em junho de 1958, Jesus Gomes redigiu um documento em que deixa instruções para seu funeral. Este deveria ser o mais simples e laico possível, sendo doados os recursos economizados com o mesmo.

Não fui e não sou socialista (comunista), infelizmente, porque seria um idealista, pois como pequeno burguês tenho defeitos, mas admirador sincero desse regime verdadeiramente humano, onde pode ser obtida a verdadeira democracia. Se quiserem gastar mais do que o necessário para esse funeral entreguem a quem representar o Partido Comunista o que pretenderem, para ajudar a politização esclarecida desse regime que exterminará a miséria física e moral. (GOMES, 2006:49)

Este breve ensaio sobre essa trajetória de Jesus Norberto Gomes indica um conjunto de questões que pretendemos responder ao longo do desenvolvimento da pesquisa. A construção da memória política dos anos 1930; a associação entre a elite local e os movimentos de esquerda e; as disputas em torno da construção da memória industrial do Maranhão. Estes elementos têm sido investigados sob a orientação de uma perspectiva teórico-metodológica que busca as intersecções entre os campos da História Econômica, da Memória Social e da Sociologia Industrial e do Trabalho.

Referências Bibliográficas

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Os Arquivos da Polícia Política Brasileira: uma alternativa para os estudos de História do Brasil Contemporâneo”. www.usp.br/proin/publicações/artigos. Acessado em 20 de novembro de 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2005. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

GOMES, Elir. *Jesus Gomes: sua vida, seu sonho*. São Luís: Lithograf, 2006.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “Intentona Comunista” ou a construção de uma legenda negra. *Tempo*. Vol. 7, n13, jul. 2002. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2002.

POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. *Estudos Históricos*, n° 10, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. *Estudos Históricos*, n° 3, Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

TAVARES PEREIRA, Ariel. *Um espectro ronda a Ilha: o comunismo na imprensa de São Luís (1935-1937)*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2010.

VIANNA, Marly. “A ANL (Aliança Nacional Libertadora)”. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOA, Maria Izabel (org.). *Corações Vermelhos: os comunistas brasileiros no século XX*. São Paulo: Cortez, 2003.